

Entrevista

# «Sou um personagem do Velho Testamento». José Rodrigues e a Arte Sacra

Por Arnaldo de Pinho

Nos últimos vinte anos, poucos artistas produziram em Portugal 'arte sacra' de tão grande qualidade como José Rodrigues. Talvez ainda não seja o tempo para avaliar o alcance da renovação introduzida por essas peças que estão espalhadas um pouco por todo o lado: lugares de culto e envolventes, ateliê do artista, coleções particulares e até o cofre-forte de um Banco. Entre desenho, pintura e escultura, a obra de José Rodrigues à volta do imaginário bíblico é duma extensão difícil de calcular. Os seus 'Cristos', sobretudo, são já familiares no seio de muitas comunidades cristãs, e não só, sobretudo no norte do país. Numa época de indigência nesta área da produção artística, não se compreende, aliás, uma recepção geograficamente tão restrita. *A Humanística e Teologia* falou com o Mestre José Rodrigues no seu ateliê na Fundação com o seu nome, situada na Rua da Fábrica Social, no Porto. Dessa conversa com ele se dá notícia na abertura deste número que lhe é dedicado.

**Arnaldo de Pinho (AP):** Zé Rodrigues, muito obrigado por nos dar este gosto de o entrevistar sobre a sua obra, sobretudo a sua obra de arte sacra que eu penso que começa um pouco tarde no seu itinerário criativo...



**José Rodrigues (JR):** Sim, um pouco tarde, ao fim da vida. Não é bem ao fim... mas é tarde.

**AP:** Se bem me recordo, tudo nasceu com uma encomenda do Sr. Dom Armindo quando era bispo de Viana do Castelo. Encomendou-lhe um Cristo para o Seminário da Diocese.

**JR:** Foi, foi essa encomenda dum Cristo.

**AP:** Essa circunstância despertou a sua veia de escultor de arte sacra. Depois houve aquela exposição itinerante com todos os materiais de estudo.

**JR:** Pois foi...

**AP:** Uma magnífica exposição, muito apreciada e vista por imensa gente. Começou por ser mostrada no cenário barroco da igreja dos Grilos. Segundo julgo saber, a maior parte das peças foi depois comprada por um Banco.

**JR:** Pelo Banco Millennium.

**AP:** Donde saíram aqueles Cristos? Vê-se que há uma busca, não uma busca académica, digamos, mas uma busca a partir de experiências concretas...

**JR:** Foi sobretudo a experiência da guerra. Os meus Cristos vêm daí...

**AP:** A experiência da guerra, a experiência do mal, a experiência do Homem tratado como objeto, não é?

**JR:** Isso mesmo.

**AP:** Sabe que isso tem muito a ver com a tradição bíblica...

**JR:** A minha formação cristã é transmontana. Há aquela frase de Cristo que sempre me transtornou: 'Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?' É brutal, não é? Esta frase tornou-se obsessiva para mim. Há muitos homens que fazem a mesma pergunta.

**AP:** O Zé Rodrigues, de certa maneira, viu nos desprezados e nos humilhados a encarnação de Cristo.

**JR:** Nos humilhados, nos injustiçados.

**AP:** Essa é uma leitura perfeitamente cristã da história de Cristo. Mas há muitas pessoas que olham para a arte sacra em geral, e sobretudo para os Cristos, a partir duma concepção estética muito formal, muito estilizada, mas esquecem que a partir do século XVII e XVIII, na grande época do Barroco, havia um grande realismo na apresentação de Cristo. E é muito curioso que sobretudo em Espanha, mas também na América do Sul, os Cristos da devoção popular são extremamente dramáticos.

**JR:** São dramáticos.

**AP:** São extremamente dramáticos. Lembro-me do Cristo do Grande Perdão e da Virgem *La Moreneta*. Porque é que essas imagens tão dramáticas têm uma devoção tão popular?

**JR:** Porque tocam o fundo do ser humano, o que é mais profundo, não é? Há outras épocas em que o Cristo aparece muito leve, com gestos de bailarino. Ali não, Cristo aparece despido, sem nada, sem recursos ideológicos ou teológicos que o protejam. Aparece exposto na sua dor.

**AP:** A arte sacra, a partir do século XIX, foi-se perdendo, esvaziou-se, perdeu qualidade...

**JR:** Tornou-se exclusiva. Os artistas, em geral, foram arredados, talvez por não terem fé. Ficaram só os artesãos e os habilidosos.

**AP:** Já no século XX, sobretudo em França, fez-se um grande esforço de renovação. Foram criadas revistas especializadas, e o conselho que foi dado aos agentes da pastoral foi este: *cherchez les artistes!* O Matisse, por exemplo, colaborou na concepção de alguns espaços sagrados. Apareceram as encomendas a Le Corbusier. Portanto, houve a chamada dos grandes artistas, que não tinham necessariamente uma grande fé. Mas isso já acontecia, de algum modo, na época do Renascimento. O Miguel Ângelo não era um grande crente, acho eu.

**JR:** Também acho que não...

**AP:** Há uma certa renovação a partir do momento em que a igreja chama artistas capazes de criar, evitando a repetição pobre de modelos esgotados e sem arte.

**JR:** Imitadores...

**AP:** Imitadores, exactamente! Sabe que o Fernando Pessoa dizia uma coisa muito engraçada: 'os poetas religiosos não são católicos e os poetas católicos não são religiosos'. Na verdade, quando se é excessivamente didáctico, falta a criatividade.

**JR:** Para mim a criatividade tem origem na transgressão.

**AP:** Falemos agora dos materiais. O Zé Rodrigues trabalha muito com o barro, não é?

**JR:** Gosto muito de trabalhar o barro.

**AP:** Sabe que há muito de simbólico no barro porque o barro é um elemento bíblico primordial, o homem é criado a partir do barro, segundo o livro dos Génesis.

**JR:** Quando era miúdo andava sempre com as mãos e a roupa suja do barro. Fazia bonecos. Divertia-me com isso.

**AP:** Há na sua obra qualquer coisa de barrento, de terroso...



**JR:** É o que está mais à mão e o que é mais dócil para a mão trabalhar.

**AP:** O Miguel Torga escreve num dos textos do seu *Diário* que se tivesse que se converter a uma religião, era ao Catolicismo que se convertia, por causa da sua ligação à terra. O Catolicismo tem um sentido demiúrgico.

**JR:** Pois tem, isso é verdade.

**AP:** Utiliza precisamente os elementos naturais, como a água, a luz, o sal, o azeite, a cinza, etc. e coordena-os de maneira demiúrgica. Ora é esse sentido demiúrgico que me parece estar muito presente na obra do Zé Rodrigues. E essa presença não vai no sentido de um formalismo abstracto, mas vai sempre no sentido de um certo Barroco.

**JR:** Pois, sente-se a expressão, a projecção do artista.

**AP:** E, neste sentido, as histórias são muito importantes para si?

**JR:** São. Eu só sei pintar histórias. O meu material é o barro e as histórias.

**AP:** Como é que descobriu a Bíblia?

**JR:** Foi em Trás-os-Montes. É uma terra judaico-cristã. Foi lá que comecei a carregar a minha memória com as coisas da Bíblia, sobretudo do Velho Testamento. Eu ia à Missa e absorvia aquelas imagens, aquelas narrativas, e pronto!

**AP:** Temos aqui diante de nós esta imagem da Anunciação. Eu já vi muitas imagens da Anunciação porque este tema é dos mais representados na arte. Mas a sua representação tem algo de único: o sobrenatural é muito natural, se assim posso dizer. Esta Anunciação foi feita para um retábulo numa capela no Minho, segundo julgo saber...

**JR:** É, foi para a Capela de Cimo de Vila. Acho que fica em Esposende.

**AP:** O Zé Rodrigues envolve a imagem com uma espécie de raminhos. Dá a impressão que há aqui uma primavera de vida.

**JR:** Mistura-se tudo, o natural com o misterioso. Eu gosto de misturar tudo.

**AP:** Tudo nestes quadros do retábulo é absolutamente visual. Lembro-me do báculo que concebeu para o D. Armindo, onde também havia essa preocupação.

**JR:** No báculo que fiz para o D. António Marto isso é ainda mais evidente. Tem umas campainhas no cimo. Faz lembrar um pastor. Pareceu-me, na altura, que dava um sentido poético àquele objecto.

**AP:** Mas quando se olha para esses sininhos, eles estão de tal maneira integrados no objecto em si que não parecem um simples adorno, compreende?

**JR:** É bom sinal. Não são um apêndice isolado, mas fazem parte do todo. São uma coisa que está dentro do objecto que é o báculo. Quando o bispo caminha com o báculo na mão, elas tocam baixinho. As pessoas quase não ouvem. Mas se houver silêncio, ouve-se e parece ser um som que vem de dentro.

**AP:** Voltando ao retábulo da capela de Cimo de Vila com todos aqueles quadros belíssimos a ilustrar os mistérios da Bíblia: não entrando na discussão de aspectos artísticos, sabe que eles me fazem lembrar o batistério da catedral de Florença, de Miguel Ângelo.

**JR:** Ainda bem, ainda bem. Os quadradinhos do batistério de Florença fazem parte da minha memória. Estão bem gravados em mim...

**AP:** Os quadros da porta do baptistério de Florença são encimados pela figura de Nossa Senhora da Conceição. Recorda-se?

**JR:** A Senhora da Conceição é minha madrinha!

**AP:** É sua madrinha?

**JR:** Foi minha madrinha de baptismo em Angola.

**AP:** Ai sim?

**JR:** É verdade.

**AP:** Foi ela, se calhar, que o converteu, ó Zé Rodrigues...

**JR:** Não sei, não sei se sou convertido... Mas desde pequenino é uma imagem que me é familiar. Sempre que vou a Luanda vou visitá-la. Está na Sé Catedral, uma imagem barroca.

**AP:** Tem aqui uma Pietá também. A Anunciação e a Pietá são episódios muito representados, encontram-se um pouco por toda a parte. No seu caso, todavia, estas peças são de uma grande originalidade. Essa originalidade depende muito da sua capacidade de manejar os materiais, da sua capacidade técnica; mas depende também daquilo a que costumamos chamar inspiração...

**JR:** Inspiração é sobretudo transpiração...

**AP:** Esta Pietá é, em minha opinião, uma verdadeira peça de arte sacra. Tem trabalho, tem transpiração, tem técnica, mas tem algo mais. Tem aquilo que distingue uma peça de arte sacra duma peça comum.

**JR:** Terá, mas não me compete a mim falar sobre isso.

**AP:** Mas voltando ao retábulo para a capela de Cimo de Vila, onde a Pietá está integrada. Este género de retábulos era bastante frequente no Barroco. Agora as igrejas recentes não têm retábulos. O espaço que fecha a zona do altar perdeu a importância que tinha, em parte porque o celebrante, voltando-se para a Assembleia, virou-lhe as costas. Aquela narratividade que havia perdeu-se um pouco. A arte barroca era uma arte cénica, de certa maneira enchia o espaço. E o Zé Rodrigues sente-se bem a contar estas histórias bíblicas, a dar-lhes uma ordem e uma interpretação.



**JR:** Como já disse, as histórias fazem parte da minha maneira de fazer arte porque fazem parte de mim. Sabe, eu acho que sou um personagem do Velho Testamento.

**AP:** Está à espera.

**JR:** Estou à espera...

**AP:** Agora, recentemente, fez uma série de desenhos sobre Job.

**JR:** É outro personagem do Velho Testamento que me inquieta. Acho que já o encontrei algumas vezes aí pelo mundo.

**AP:** O livro de Job é um livro didático. Há ali uma reflexão sobre o destino do homem. É uma reflexão extremamente complexa. O Basílio Teles escreveu um belíssimo comentário ao livro de Job na perspectiva dum descrente. Ele



entendia que Deus não poderia ir contra o Homem e que o livro de Job é a prova de que Deus não existe na medida em que, se existisse, só podia compensar o homem, dando-lhe força e virtudes, dando-lhe o futuro e o progresso. Como é que se interessou pelo livro de Job?

**JR:** Não sei se o Job existiu naquele tempo bíblico. Não tenho conhecimentos para discutir sobre isso. Mas tenho a certeza que Job existe no nosso mundo, anda por aí. O Job anda aí na rua.

**AP:** Há uma espécie de correspondência entre a imanência e a transcendência.

**JR:** Sempre, sempre, sempre.

**AP:** Sabe o que é que custa aos crentes, Zé Rodrigues? O que custa aos crentes é imanentizar a transcendência. Esse é, talvez, o grande problema dos crentes: colocar a transcendência na imanência. E o que é difícil aos descrentes é passar da imanência à transcendência. Este nó da encarnação é um nó muito difícil de desatar.

**JR:** É, eu vi demais. Vi coisas que não queria ter visto. Meti as mãos na argila do mundo. A experiência da guerra, em Angola, alertou-me para a tragédia humana. E como transmontano senti também a dor do ser humano, embora de outra maneira. Nos lavradores de Alfândega da Fé vi a injustiça, o desprezo, a miséria.

**AP:** E na Bíblia encontrou respostas ou ainda mais desassossego?

**JR:** Na Bíblia encontrei sobretudo desassossego. Já disse acima que o momento de maior desamparo e desassossego, é o de Cristo na cruz quando fala do abandono de Deus. Não acha que é o momento mais desinquietante da Bíblia?

**AP:** E a anunciação e todo o mistério da criação, como é que se enquadra aí?

**JR:** Isso da Anunciação é a minha mãe. É um momento, uma brisa, tem a ver com a minha mãe. Já chega, preciso de descansar.

**AP:** Muito bem, muito obrigado, Zé Rodrigues. *A Humanística e Teologia* vai ter muito gosto em dar a conhecer melhor a sua obra neste domínio da arte sacra. Bem-haja!